

CURSO “HISTÓRIA ORAL DE VIDA IMIGRANTE – COMUNIDADE E IDENTIDADE”

Uma conversa sobre possibilidades, debates e polêmicas da HO

a **Arturo Hartmann**

O curso que o ICArabe realiza a partir do dia 13 de julho, “História de Vida Imigrante: Comunidade e Identidade”, abordará questões atuais no que concerne o estudo da História como um todo, o da História Oral, um campo que faz crescer as possibilidades de estudo, e também a fonte de debates e polêmicas sobre o fazer histórico. Suzana Lopes Ribeiro - mestrado e doutorado em História Social pela USP, pesquisadora e coordenadora do Núcleo de Estudos em História Oral da USP (Neho-USP) - será uma das ministradoras das aulas, que como ela mesma diz, funcionarão com uma dinâmica menos estanque, a conferir um caráter mais interessante para os alunos. “O Curso foi pensado como um todo, de modo que não serão aulas estanques em que apenas um professor estará presente”. Leia abaixo a entrevista.

ICArabe: Qual o cerne da ação do Neho-USP?

Suzana Lopes Ribeiro: O Neho-USP é um núcleo de estudos, como seu nome diz. O cerne de sua ação é, portanto, a formação, de seus integrantes e de alunos da universidade e de pessoas interessadas, para a pesquisa em História Oral. Assim, seus pesquisadores estudam temas bastante diversos que têm como elo a produção de conhecimento a partir da constituição de narrativas de origem oral. Esse grupo foi fundado há quase 18 anos, como parte do projeto pedagógico do Professor Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy, e com sua maioria conquistou certa visibilidade. A formação do Neho-USP é diversificada. Isto é uma de suas maiores riquezas na medida em que, agregando pessoas de várias áreas, consegue produzir algo mais complexo e plural.

ICArabe: A História Oral ainda é um ponto de polêmica dentro do campo dos estudos de História de forma geral, especialmente no que se refere ao tratamento da fonte oral?

Ribeiro: Hoje, trabalhos com entrevistas e fontes orais já tem um lugar reconhecido dentro dos estudos da História. Dificilmente estudos de história imediata se privam de usar tais fontes. Entretanto, é claro que, como campo novo, ainda é cenário de disputas, que se dão principalmente no que toca a questão do uso da fonte oral. Até mesmo o termo fonte oral é contestado por alguns que diferenciam trabalhos com fontes orais de trabalhos com História Oral. Outra grande cisão relaciona-se à própria definição do que é História Oral. Alguns acham que é um suporte para a pesquisa, outros a pensam como uma metodologia específica e os mais radicais a apontam como uma possibilidade diferenciada de produção de conhecimento que não está a serviço de nenhuma das tradicionais “ciências humanas”, ela mesma seria uma outra possibilidade de atuação. A falta de um estatuto claro permitiu um grande crescimento desorganizado da História Oral no Brasil.

ICArabe: Qual foi seu interesse em pesquisar o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) em seu mestrado?

Ribeiro: O mestrado foi apenas um dos trabalhos que fiz sobre o MST. O primeiro gerou um livro indicado para o prêmio Jabuti, sobre a Marcha Nacional de 1997, depois veio o mestrado que estudou a formação e funcionamento das cooperativas agrícolas, outros trabalhos com educação e assentamentos foram feitos para UNICEF e ITESP, e, por fim, o Doutorado também foi defendido sobre questões de pertencimento e identidade relacionados ao campo. Mas para responder sua pergunta, sobre o interesse, é preciso contar um pouco da história da minha vida. Sou filha de um jornalista que se dedicou a cobrir as questões do campo, trabalhou no Ministério da Reforma Agrária, e, por isso, o assunto sempre esteve presente em minha vida. Com o desenrolar de minha formação, comecei a me interessar sobre a atuação de movimentos sociais e seu protagonismo para a história. Foi assim, motivada por uma história familiar, impulsionada por um momento político bastante efervescente e por uma curiosidade acadêmica que me deparei com o estudo da realidade do campo e do MST.

ICArabe: O que a História Oral trouxe à pesquisa que outras formas de metodologias e pesquisa não trariam?

Ribeiro: A história oral é responsável pela produção de fontes de características completamente diferentes de quaisquer outras fontes. A narrativa resultante desse processo de registro é aberta à subjetividade, ao pessoal. Ou seja, explica outras dimensões da história, quase sempre esquecidas por outras abordagens, e que ajudam a compreender o desenrolar dos acontecimentos. Nem sempre os fatores que levaram a determinadas escolhas ou decisões foram tão objetivos quanto se pode imaginar, o gostar ou não de algo ou alguém são dimensões muito fortes que norteiam escolhas e atitudes. E isso se torna importante porque cada um de nós, por meio de nossas atitudes, somos responsáveis por mudanças e permanências de histórias mais gerais. Essas emoções e sentimentos são fundamentais para se entender as histórias, sejam elas locais ou globais. A história oral é revolucionária, pois permite o surgimento de um saber até agora pouco valorizado e muito distinto do até então produzido.